

<http://www.ajes.edu.br/noticias.php?id=5>

## **Ab surdos na educação! orquestra silenciosa**



orquestra silenciosa  
se desenha  
risco habitando o ponto cego  
eu pensava não estar ouvindo  
tantas vozes

É incrível como aprendemos quando nos dispomos de braços e ouvidos abertos para a palavra do próximo. Foi imbuído desse espírito que me dirigi à cidade de Londrina, no norte do Paraná, para participar, representando minha instituição de Ensino Superior, localizada na cidade de Juina, estado de Mato Grosso (AJES) do I Seminário sobre Inclusão no Ensino Superior: trajetória do estudante surdo.

Foi como a erupção de um movimento silencioso que, sub-repticiamente acontecesse na surdina, e para o qual parecíamos não dar ouvidos. O evento, organizado pelo Programa de Acompanhamento a Estudantes com Necessidades Educacionais Especiais (PROENE), da Universidade Estadual de Londrina (UEL) surpreendeu mesmo aos mais experimentados conhecedores do assunto, presentes ao seminário; quer seja pela quantidade de participantes, quer pela qualidade das discussões e envolvimento da comunidade surda paranaense. Pudemos aprender muito sobre o histórico da cultura surda, as relações culturais

entre as comunidades, legislação e os mais variados assuntos correlatos a esse grupo coeso, conciso e silencioso, de brasileiros. Não podemos mais deixar de ouvir os gritos do silêncio, a música de Jonh Cage, os barulhos de quem, de maneira organizada, rompe as amarras da indiferença e ocupa os espaços no meio social.

O evento de 26 e 27 de maio de 2008 já é um acontecimento histórico em nosso país. Um país que, berço de contradições ferrenhas, tem um povo que através de lutas conquista sonhos e lança-se sempre a novos desafios. Dentre as 4 mesas temáticas do Seminário poderíamos destacar a fala da professora Dra. Marianne Stumpf, doutora em educação, da UFSC que apresentou as bases curriculares do primeiro curso de graduação em Letras-Libras do Brasil, que tem por objetivo formar profissionais para serem professores para todo o país.

A professora especialista Elizanete Favaro, que discorreu sobre “Movimento Surdo e Cidadania”, como também a professora especialista Cleuza Camargo de Oliveira, do Instituto Londrinense de Estudantes Surdos, escola que há 49 anos dá ouvidos às necessidades de conhecimentos básicos para estudantes mais que especiais, que falou sobre a preparação do aluno surdo para os exames vestibulares, também merecem louvores.

Destaco essas três palestrantes de um conjunto mais amplo, por terem algo em comum: a particularidade de ter como primeira língua e Libras e propiciarem com sua língua espaço-visual um momento ímpar na socialização dos conhecimentos, graças, é lógico à participação das intérpretes que se revezavam na atividade de transportar os códigos imagéticos em lingüísticos, e vice-versa para a totalidade da platéia. E olha que eu nem sabia que havia dois tipos de transposição desses códigos, a simultânea e a consecutiva, detalhadas pela professora Ms. Marta Fillietaz Proença, da Secretaria de Educação do Estado do Paraná.

Aprendi que a cultura está indissociada da língua e que isso por si só explica muito dessa dificuldade de comunicação, estigmatiza mais essa minoria e transforma em gueto quem só quer se juntar a nós. Fiquei sabendo que temos matriculados no ensino superior (escolas públicas) 314 surdos, em todo o país, que as universidades públicas têm que contratar intérpretes para acompanhá-los,

que o sujeito surdo tem os mesmos direitos que os não-surdos, que nem por isso são mais normais, que a cidadania do surdo é de natureza bilíngüe, que ele precisa ir para a escola adquirir sua língua materna, quando filho de pais ouvintes e, que, como toda minoria lingüística merece ter seu dialeto respeitado em todas as instâncias.

Como eu era pobre na área da lingüística antes desse evento. Não tinha a mínima idéia do valor da língua, idioma, dialeto, além da forma básica a que a cultura acadêmica me preparou. Estou feliz por ter ido ao Seminário, ter conhecido a política cidadã do PROENE, por ter conhecido pessoas sensíveis a mais esse desafio que se nos coloca pela vida.

Ainda ressoa em mim o eco ensurdecido do balé de mãos das pequenas crianças do ILES. Não dá mais para fazer de conta que eles não existem, pois estão no meio de nós: durmam com um barulho desses!!

Luiz Renato de Souza Pinto

Graduado em letras, mestre em história (UFMT); doutorando em Letras (UNESP/S.J. Rio Preto); Coordenador de Letras AJES/MT